

Cultura política e ritualística no EZLN e no MST

SEBASTIÃO VARGAS*

Eric Hobsbawm refletindo sobre o papel do ritual nos movimentos sociais escreveu que “todas as organizações humanas têm seus aspectos cerimoniais ou rituais, mas aos movimentos sociais modernos faltam, de forma surpreendente, rituais deliberadamente estruturados” (HOBSBAWM, 1978:154). Esta afirmação pode parecer correta quando analisamos o Partido Comunista inglês ou os sindicatos europeus, mas certamente é insuficiente para realidades históricas de vários movimentos sociais latino-americanos contemporâneos. Para o historiador inglês, os movimentos “pré-modernos” tais como as irmandades ou associações de ofício, as sociedades secretas ou conspiratórias e principalmente as lojas maçônicas cultivavam o ritual e o simbolismo de forma muito mais intensa que qualquer organização moderna:

O simbolismo a que estamos habituados nos movimentos modernos – insígnias, bandeiras, figuras simbólicas, etc. – é uma versão pálida e deformada do verdadeiro simbolismo. É certo que para o socialista ou o comunista de hoje uma bandeira vermelha, uma estrela de cinco pontas, uma foice e um martelo (simbolizando, acreditamos, a unidade do operário e do camponês) podem ser uma expressão sintética do seu movimento: seu programa e aspirações, suas realizações, sua existência coletiva e seu poder emocional. Tudo isso pode ser evocado pelo símbolo. Mas nos movimentos primitivos, como nas catedrais góticas, pode haver todo um universo de simbolismos e alegorias, correspondendo cada detalhe – na verdade “sendo” – a uma peça específica, grande ou pequena, da totalidade do movimento ou da ideologia (HOBSBAWM, 1978:154).

Tanto o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST) quanto o Exército Zapatista de Libertação Nacional (EZLN) são organizações que valorizam muito o aspecto ritualístico e às vezes até cerimonial de muitas de suas ações. Muito do significado da expressão “fazer a mística” tem este sentido de cerimonial e ritual em diversos momentos da atuação do MST. A importância dos símbolos como elementos de coesão ideológica e emocional também é evidente nos dois casos.

* Professor adjunto do Departamento de História da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN).

Uma das cerimônias mais marcantes na história dos zapatistas de Chiapas ocorreu em fins de 1994, quando o Comitê Clandestino Revolucionário Indígena (CCRI-CG), a comandância geral do EZLN, por meio de uma assembleia soberana composta pelos comandantes e capitães das unidades combatentes, designados pelas suas bases, entregou ao subcomandante Marcos (durante uma cerimônia maia chamada “*cerimonia de los siete fuegos*”) sete bastões de mando e sete objetos simbólicos de poder (a começar por uma espiga de milho). Marcos não foi nomeado general, nem sequer comandante e sim “subcomandante insurgente” para deixar claro que deveria obedecer a comunidade. O comandante Tacho disse ao subcomandante, no momento da entrega dos bastões, as seguintes palavras: “*Recibe, pues, el bastón de mando de las siete fuerzas. Llévalo con honor y que no anden en él las palabras que no hablan los hombres y mujeres verdaderos. Ya no eres tú, ahora y desde siempre eres nosotros*” (EZLN, 1994:140). O relato da mexicana Tlalli Mota Castilla, que esteve presente na cerimônia, sintetiza o evento:

Esa noche estuvo llena de grandes significados, de misticismo. Un periódico mural relataba la formación y desarrollo del EZLN, había fotografías de insurgentes y milicianos de todo tipo, estaba lleno de flores, ramos y palmas, las bases de apoyo de la comunidad y de otras de muy lejos se iban acomodando en las bancas de la gran nava Aguascalientes. De pronto, tres grandes hogueras calientan la fría noche, en el cielo la luna llena brilla, bañándonos el alma a todos los que estamos por presenciar aquella ceremonia. El EZLN se alinea en doble fila y va formando un gran caracol de miles de insurgentes y milicianos, cada uno con una varita de ocote, en su corazón quedan las tres hogueras, unas sillas, una mesa, una anciana de Guadalupe Tepeyac y dos niños. De pronto entran la Capitán Maribel, el Mayor Moisés y el Comandante Tacho. El Subcomandante Marcos entra caminando entre la valla y va prendiendo con su ramita de ocote cada una de las varitas de los integrantes del gran caracol. Cuando llega al centro, al corazón, el Subcomandante Marcos recibe del CCRI-CG a través del Comandante Tacho el Bastón de Mando de los siete pueblos (Tzental, Tzotzil, Tojolabal, Chol, Mame, Zoque y Mestizo) con siete mensajes (Bandera Nacional, Bandera del EZLN, Arma, Bala, Sangre, Maíz y Tierra) que simbolizan siete caminos que dan fuerza al Bastón de Mando en Jefe de los Hombres y Mujeres Verdaderos (Vida, Verdad, Hombre, Paz, Democracia, Libertad y Justicia). Al finalizar la ceremonia, el Subcomandante Marcos sale en silencio a través del gran caracol con

los siete símbolos, detrás del gran navío¹ y nos disponemos a escuchar el mensaje del 11º aniversario del EZLN (su formación, trayectoria, la guerra, la tregua, el diálogo, la falsedad del gobierno), admite con humildad su protagonismo y reconoce que los zapatistas han cometido errores, pero insiste en que el objetivo de los neozapatistas desde 1983 es “cambiar el mundo, hacerlo más humano”. Termina, guarda sus cosas y desaparece entre la bruma y la obscuridad. Sigue el programa cultural, dirigido por la Capitán Maribel, hay escenificaciones teatrales, canto, bailables, poesía, música. Pasan las horas y ahí seguimos atentos y esperando, como siempre en todo evento, ya sea de guerra o de paz, lo que no puede faltar en estas lejanas comunidades del sureste mexicano: la marimba y el baile para finalizar (CASTILLA, 1997:192-193).

Ninguém visita, fala ou presta alguma ajuda ao MST sem receber um presente: um boné, uma camiseta, uma bandeirinha, um livro, uma flor ou alimentos. Geralmente este presente é entregue por alguém do sexo oposto. Plínio de Arruda Sampaio enxerga neste detalhe uma vinculação da mística do MST às raízes mais profundas da nossa nacionalidade, lembrando que presentear o visitante é costume rural cujas origens encontram-se no forte componente indígena da nossa população (VARGAS, 2007:258). No MST, as reuniões pequenas, grandes ou enormes, começam sempre com algum tipo de celebração. Elas podem ser simples como a leitura de poemas ou complexas como as realizadas nos grandes congressos nacionais. Muitos elementos destas celebrações são similares aos símbolos utilizados pelo EZLN: bandeira nacional, bandeira do MST, terra, água, fogo, espigas de milho, livro, enxada, flores...

Na maior parte destas “celebrações” podem-se notar figuras e retratos de ícones de lutadores do povo. É um claro exemplo do “sincretismo político” da mística do MST: Carlos Marighella ao lado de Paulo Freire; Rosa Luxemburgo junto com Madre Cristina; Florestan Fernandes e Padre Josimo; Lênin e Zumbi dos Palmares; Karl Marx lado a lado com Jesus Cristo:

¹ O navio a que se refere Tlalli provavelmente é a estrutura de madeira feita pelos zapatistas em agosto de 1994, para abrigar os delegados, convidados e observadores da *Convenção Nacional Democrática (CND)* em território zapatista rebatizado, pelo subcomandante Marcos, como: “*Aguascalientes, Chiapas, el Arca de Noé, la Torre de Babel, el barco selvático de Fitzcarraldo, el delirio del neozapatismo, el navio pirata*” (EZLN, 1994:305).

Quando reverenciamos uma liderança, queremos, na verdade, transformá-la em símbolo de um processo social, como sendo o resumo, a síntese daquele processo. Mas nunca devemos nos esquecer de que eles, assim como o próprio processo social, foram o resultado de uma vontade coletiva. Assim, também fazem parte de nossa história as contribuições de muitas lideranças e lutadores do povo brasileiro que nos antecederam. Por isso, nunca devemos nos esquecer de Zumbi, Dandara, Antônio Conselheiro, Monge Maria, Beato Lourenço e de muitos outros. De João Pedro Teixeira, Francisco Julião, João Sem Terra, de Gregório Bezerra e tantos outros (MST, 2004:8).

O elemento ritual está fortemente presente em várias atividades realizadas tanto pelo MST (principalmente, mas não somente, em suas místicas) quanto em várias atividades do EZLN. Esta ‘teatralidade’ presente em várias ações dos movimentos sociais também tem como objetivo, como me disse certa vez um militante do MST, “furar o cerco do latifúndio das comunicações” e “fazer publicidade no bom sentido do termo”. Octavio Paz acreditava ser justamente neste ponto, a arte de criar e manipular eventos de caráter simbólico, que se encontra uma das grandes inovações do ‘neozapatismo’ enquanto movimento social:

Sin embargo, los insurgentes de Chiapas sí son decididamente ultramodernos en un sentido muy preciso: por su estilo. Se trata de una definición estética más que política. Desde su primera aparición publicada el primero de enero, revelaron un notable dominio de un arte que los medios de comunicación modernos han llevado a una peligrosa perfección: la publicidad. Después, durante las pláticas y negociaciones en la catedral de San Cristóbal, cada una de sus presentaciones ha tenido la solemnidad de un ritual y la seducción de un espectáculo. Desde el atuendo – los pasamontañas negros y azules, los paliacates de colores – hasta la maestría en el uso de símbolos como la bandera nacional y la imágenes religiosas. Inmovilidad de personajes encapuchados que la televisión simultáneamente acerca y aleja en la pantalla, próximos y remotos: cuadros vivos de la historia, alucinante museo de figuras de cera. [...] Durante las últimas semanas la televisión, involuntariamente, nos ha mostrado un curioso espectáculo que combina a la liturgia religiosa con las ceremonias cívicas. El encanto de ciertas imágenes – en el sentido original y fuerte de la palabra encanto: hechizo mágico – se intensifica porque nos recuerda el romanticismo de esas escenas de las novelas y del cine en las que aparecen, enmascarados, unos conspiradores reunidos en una catacumba alrededor de un altar (en este caso: las bóvedas de una catedral (PAZ, 2000:265).

XXVII SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA

Conhecimento histórico e diálogo social

Natal - RN • 22 a 26 de julho 2013

ANPUH
BRASIL

Uma das mais belas encenações místicas do MST foi realizada por ocasião das comemorações do aniversário de vinte anos do movimento em 2004, no assentamento Pirituba, em Itapeva, no estado de São Paulo. Na encenação, realizada por jovens do próprio assentamento, reconstituía-se vários episódios das lutas sociais brasileiras e a própria formação do atual povo brasileiro, com sua característica mistura de povos, culturas e tradições. A apresentação, muito bem formulada e ensaiada, ainda trazia músicas, cenário e figurantes que emocionaram o público que se apinhava na arquibancada improvisada. Só não esperávamos por um pequeno contra-tempo: num dado momento da apresentação, do lado de fora da imensa tenda onde se realizava o espetáculo, um caminhão acidentalmente arrancou a fiação, acabando com a eletricidade ambiente. O acidente foi minimizado pelo “apresentador” que propôs que se adiantassem as outras atividades, enquanto eram realizados os reparos necessários, que não durariam mais do que meia hora. Mais de uma hora e vários discursos improvisados depois, a mística pode recomeçar. O clima de espera e impaciência do público foi substituído pela comoção quando se iniciou uma música que se misturava à leitura de textos que diziam:

Em uma organização social, os que partem não morrem, porque nunca alcançam a curva da estrada do esquecimento; permanecem vivos na memória, nas ideias e no pedaço de existência política que construíram. Todos temos a sensação de fazer parte daquela constelação de estrelas abatidas, mas simbolicamente vivas. Precisamos lembrar delas para que mantenham seu brilho. Significando, então, que foram assassinadas, mas não morreram. Como disse Dom Pedro Casaldáliga: “toda morte matada, toda a morte morrida, se for vida doada, não é morte, é vida”.

A partir de teste momento, para enorme espanto do público presente, começaram a surgir debaixo da terra, onde estava desenhado um enorme mapa do Brasil, pessoas que simbolizavam mártires da luta pela terra e personagens da história do país. A emoção tomou conta pela beleza do momento, mas também porque entendemos que aqueles jovens estavam ali, “enterrados vivos”, havia duas horas! Terminada a apresentação fui conversar com alguns deles e perguntei como foi possível aguentar todo aquele tempo embaixo da terra fria (eles não podiam saber do atrasado causado pelo corte do fio de luz). Um jovem garoto me disse que:

Nós já sabíamos que ia ser difícil. Mas era a representação de gente que morreu... Muito respeito. Quando começou a demorar demais, eu pensei comigo “vou ser ator de verdade”. Vou realmente imaginar que estou morto. Lembrei também de Jesus Cristo e de umas musiquinhas que cantávamos:

*“Bendito o Ressuscitado,
Jesus vencedor – ô, ô
o pão partilhado, a presença que ele nos deixou – deixou
Bendita é a vida nascida de quem se arriscou – ô, ô
na luta pra ver triunfar neste mundo o amor!”*

Ou outra que acho que se chama “Terra-Mãe será o altar”:

*“Uma só será a mesa,
terra-mãe será o altar.
o sustento a natureza,
em milagre vai nos dar!”*

Depois ficou tudo tranquilo para mim. (VARGAS, 2007: 262-263).

Culturas rebeldes

Para abordar o tema da cultura, partiremos da definição dos zapatistas explicitada na mesa “Direitos Indígenas” do diálogo de San Andrés Sacamch’en de los Pobres:

A cultura é o que se faz, o que não se faz, o que se vê e o que não se vê. É modo de ser, de viver e de conviver, produto da relação com a natureza, homens e mulheres. Se expressa nas festas, nos bailes, na comida, na música, na arte, na indumentária, nos objetos, na língua: mas não é somente isso, é todo o sentido da vida (NAVARRO, 1998:45).

Ou seja, a cultura não é de modo algum somente arte, mas também a maneira de entender o mundo e o conjunto de crenças e práticas das pessoas. Um movimento social que se traduz em cultura, nesta concepção, significa um movimento social enraizado, tanto no sentido de que suas raízes podem ser encontradas na própria memória histórica do povo a que representa ou do qual faz parte, como no sentido de que deita raízes para

uma continuidade histórica que vai além de si mesmo, ou de lutas imediatas que caracterizam sua atuação em uma determinada conjuntura política. A cultura que emerge das práticas desses atores sociais é uma cultura de luta. Lutas do presente e do passado que se repetem e se mesclam. Luta contínua contra a miséria e a morte. O subcomandante Marcos fala dos contos em volta das fogueiras noturnas nas montanhas:

Histórias de almas, de mortos, de lutas anteriores, de coisas que se passaram, que se mesclam muito. Parece que estão falando da revolução (da Revolução Mexicana, a passada, não a que está ocorrendo agora), e em momentos parece que se confunde com a etapa da colônia, e em outros momentos parece que é a época pré-hispânica (LE BOT, 1997: 74).

A cultura de luta permeia os comunicados zapatistas, muitas vezes na forma de contos e mitos. Os contos do Velho Antônio são a forma favorita de transmitir uma cultura impregnada com a sabedoria da luta:

Certamente cultura não é a única arma que temos, como o mostra o aço que nos veste. Nós temos outras. Por exemplo, nós temos a arma da palavra. Temos também a arma de nossa cultura, de nosso modo de ser. Nós temos a arma da música, a arma da dança. Nós temos a arma da montanha, essa velha companheira e amiga que luta conosco, com seus caminhos, esconderijos e vertentes, suas árvores, suas chuvas e sóis, suas auroras, suas luas... (MARCOS, 2001:33).

Alfredo Bosi aponta, entre os significados para o radical “*cultus*”, aquilo que foi trabalhado sobre a terra, cultivado. Mas também o que se trabalha sob a terra, ou seja, o culto, o enterro dos mortos ou rituais feitos em honra dos antepassados. Desse modo, *cultus* é sinal de que a sociedade que produziu o seu alimento já tem memória. Bosi constata que a cultura popular apresenta caracteres constantes, a saber: materialismo, animismo, visão cíclica da existência (ou reversibilidade). Este “materialismo animista”, tal como definido por Bosi, conformaria uma espécie de filosofia subjacente a toda a cultura radicalmente popular:

Ao homem e à mulher pobre cabe, sempre, a tarefa de enfrentar a resistência mais pesada da Natureza e das coisas. Mas esse mundo da necessidade não é absolutamente desencantado, para usar do atributo com que Max Weber define o universo da racionalidade burguesa. Há na mente

dos mais desvalidos, uma relação tácita com uma força superior (Deus, a Providência); relação que, no sincretismo religioso, se desdobra em várias entidades anímicas, dotadas de energia e intencionalidade, como os santos, os espíritos celestes, os espíritos infernais, os mortos; e assimila ao mesmo panteão os ídolos provindos da comunicação de massa ou, eventualmente, as pessoas mais prestigiadas no interior da sociedade. A mesma visão tende a aceitar com facilidade a crença na reencarnação, o que se prova pelo altíssimo número de católicos espíritas no Brasil inteiro. Para o materialismo cíclico, nada morre, nem os mortos, todos podem voltar e estar junto de nós, não há pecado nem pena definitiva, e tudo o que foi pode voltar a ser, se assim o quiserem as forças que regem o nosso destino. No coração de cada homem do povo convivem uma resignação e uma esperança sempre nascente (BOSI, 1992:15).

Existem inúmeros comunicados zapatistas onde a visão “de que nada morre” é evidente como, por exemplo, no histórico discurso do subcomandante Marcos ante a *Convenção Nacional Democrática*, realizada em Aguascalientes, Chiapas, em 8 de agosto de 1994:

Esperaremos hasta que se abra el horizonte o ya no seamos necesarios, hasta que ya no seamos posibles, nosotros, los muertos de siempre, los que tenemos que morir de nuevo para vivir. Esperamos la oportunidad de regresar con dignidad después del deber cumplido a nuestro estar bajo tierra. La oportunidad de volver otra vez al silencio que callamos, a la noche de la que salimos, a la muerte que habitamos. La oportunidad de desaparecer de la misma forma en que aparecimos, de madrugada, sin rostro, sin futuro. La oportunidad de volver al fondo de la historia, del sueño, de la montaña. (EZLN, 1994:306).

Ao falar de cultura, pensamos nos valores que dão sentido ao mundo, às coisas e ao homem. Valores que explicam por que e para que se fazem as coisas. A cultura então é aquilo que é próprio, aquilo que nos distingue e singulariza diante de outras culturas. A possibilidade de enraizar no passado a experiência atual de um grupo se perfaz pelas mediações simbólicas. É o gesto, o canto, a dança, o rito, a oração, a fala que evoca, a fala que invoca. No mundo “arcaico” tudo isto é fundamentalmente religião, vínculo do presente com o “outrora-tornado-agora”, laço da comunidade com as forças que a criaram em outro tempo e que sustentam a sua identidade.

Bibliografia:

XXVII SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA

Conhecimento histórico e diálogo social

Natal - RN • 22 a 26 de julho 2013

ANPUH
PRATIL

BOSI, Alfredo. *Dialética da colonização*. São Paulo, Companhia das Letras, 1992.

CASTILLA, Tlalli Mota. “La ceremonia de los siete fuegos” In: *Memorial de Chiapas: pedacitos de historia*. Prólogo del Subcomandante Marcos. México, La Jornada Ediciones, 1997.

EZLN: documentos y comunicados. Tomo I. México, Ediciones Era, 1994.

EZLN: documentos y comunicados. Tomo II. México, Ediciones Era, 1995.

HOBBSAWM, E. J. *Rebeldes primitivos: estudos de formas arcaicas de movimentos sociais nos séculos XIX e XX*. Rio de Janeiro, Zahar Editores, 1978.

LE BOT, Yvon. *Le rêve zapatiste*. Paris, Seuil, 1997.

MARCOS, Subcomandante. “Da cultura underground à cultura de resistência” In: *Projeto História - Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados em História e do Departamento de História da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo n.22*. São Paulo, EDUC, 2001.

MST. Cartilha do XVII Encontro Estadual do MST/PR – 1984-2004: *MST 20 anos de lutas, conquistas e dignidade*. Curitiba, MST, 2004.

MST. Nossos valores. *Pra soletrar a Liberdade nº 01*. São Paulo, MST, 2000.

NAVARRO, Luis Hernández & HERRERA, Ramón Vera. *Acuerdos de San Andrés*. México, Ediciones Era, 1998.

PAZ, Octavio. *Miscelânea II*. Ciudad de México, Fondo de Cultura Económica, 2000.

VARGAS, Sebastião. *Mística da resistência: culturas, histórias e imaginários rebeldes nos movimentos sociais latino-americanos*. (Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História Social do Departamento de História da Faculdade de filosofia, letras e Ciências Humanas da USP). São Paulo, FFLCH/USP, 2007.